

FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DO ORIENTADOR EDUCACIONAL¹

Klivia Jane de Oliveira Amorim²
@hotmail.com
Rosemar Fabonato³
@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta fracasso escolar na perspectiva do orientador educacional, as dificuldades e propostas da escola em desenvolver nos alunos prazer pela educação. Os resultados contidos foram realizados através de pesquisa bibliográfica. Foram consultados autores e pensadores da educação, para verificação do que dizem a respeito de como identificar as causas e conseqüências do fracasso escolar frente ao sistema e as possíveis intervenções a serem realizadas tanto no âmbito político quanto no educacional, visando principalmente o desenvolvimento pleno do aluno no que se diz respeito a sua trajetória dentro e fora da escola. Nesta reflexão é primordial analisar os fatores que levam a formação do fracasso para que se possam apresentar caminhos de renovação e qualificação na prática pedagógica. Considerando que é imprescindível aprimorar a qualidade da educação para os nossos alunos é preciso que se tenha compreensão dos aspectos que envolvem o fracasso escolar, pois as mudanças se dão através de um longo processo, em que espera-se que o educador seja um agente fundamental na mediação entre alunos e recursos, um impulsionador e guia no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador concernente à quebra de barreiras entre o ensino e o sucesso.

Palavras - chave: fracasso- Aluno - Escola.

INTRODUÇÃO:

Nunca em toda a história da humanidade o homem buscou melhor nível do seu conhecimento e esclarecimento como nos dias atuais, sendo que estes conhecimentos são exigidos pela sociedade, tanto para o seu desenvolvimento pessoal como para o mercado de trabalho. Sabe-se que essas exigências colocam a escola como local fundamental para a formação desses cidadãos, preparando e educando para a sociedade.

¹ Artigo apresentado a Faculdade AFIRMATIVO-PRIISMA como requisito final para obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional em Orientação Supervisão Escolar.

² Graduada em Pedagogia pela UNIR-Universidade Federal de Rondônia

³ Graduada em Pedagogia pela UNIR-Universidade Federal de Rondônia

O Presente artigo relata acerca do fracasso escolar, suas principais características, causas e possíveis intervenções a serem feitas para, senão erradicar definitivamente, ao menos amenizá-lo gradativamente. Traz ainda um breve histórico a respeito dos avanços e retrocessos em nossa legislação com relação aos direitos ao acesso, permanência e qualidade no ensino público ofertado nas respectivas instituições e em seguida incita reflexões a serem realizadas por nós, enquanto profissionais da educação, quanto a esse problema tão grave que ainda se faz latente em nossa sociedade, uma vez que somos formadores de opinião e sabemos que sempre será colocada a culpa do não sucesso no aluno e em sua família e não nos verdadeiros agentes deste fracasso.

1-UM BREVE HISTÓRICO SOBRE FRACASSO ESCOLAR

A reprovação e a evasão na escola pública continua a assumir proporções inaceitáveis, este problema revela-se quanto à análise de números referentes às décadas passadas o que indica sua antiguidade e persistência em nosso sistema. Estatísticas publicadas na década de trinta já revelavam não só altos índices de evasão e reprovação mas também o primeiro ano do ensino fundamental como ponto de estrangulamento do sistema educacional brasileiro. Segundo Barreto se de um lado a unificação dos antigos primários e ginásios aumentou o número de anos de permanência na escola, por outro o perfil de atendimento do sistema escolar não se alterou entre os anos de cinquenta e setenta. Estes dados evidenciam que a surrada promessa dos políticos, o sonho dos educadores de educação para todos e o permanente desejo de escolarização das classes populares ainda hoje conservam apenas sua condição de promessa, sonho e desejo.

A coexistência de altos índices de evasão e repetência e de um grande número de pesquisas sobre o fracasso escolar justificou a realização de duas tarefas: uma revisão crítica da literatura voltada para esse tema, tendo em vista entender sua constituição ao longo da história e definir sua natureza através da análise de seu discurso e outra no sentido de dar continuidade às pesquisas nessa área já que, do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa

educacional não corresponde às alternativas claras que superem as maneiras usuais de conceber e de pesquisar os problemas escolares.

2-CONCEITO DO FRACASSO ESCOLAR

A expressão “fracasso escolar” já está reconhecida há muito e será difícil modificá-la, mas parece pouco acertada pois falar de fracasso, escolar para nível qualificativo seria demasiadamente simplista e muito negativo. se referir aos que não completam o período de escolaridade obrigatória ou que não alcançam o êxito de chegar à faculdade.

O conceito “Fracasso Escolar” é concludente, não deixa espaço para nuances, fala-se de uma maneira global: o aluno fracassado o é em sua totalidade, sabe-se que nem todos os fracassos são iguais, que ninguém fracassa de todo e em tudo, que às vezes o fracasso esconde esforços muito valiosos, ou que um fracasso pode ser apenas um mal menor, tanto no plano social como no social. Na medida em que o fracasso escolar cria indivíduos fracassados, está se distribuindo uma credencial negativa em sua vida pois um sujeito com o rótulo de fracassado escolar está a caminho de ser uma pessoa biograficamente fracassada, fere-se o indivíduo e cria um problema para a sociedade.

3- CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar está distribuído desigualmente, uma alta porcentagem de fracasso escolar tem sua origem direta nas carências econômicas, sociais e culturais que determinados grupos sofrem.

Os estudos que analisam a influência social no acesso à educação demonstram que os alunos que vivem em piores condições sociais têm mais probabilidade estar situados em grupos de alunos com avaliação mais baixa. A porcentagem desses alunos que terminam a educação obrigatória é muito mais alta que a média geral. Segundo Marchesi (2002)

A influência do contexto sociocultural para terminar satisfatoriamente a educação obrigatória é especialmente importante nos alunos que vivem no contexto baixo, mas só se manifestam diferenças econômicas e culturais entre os demais contextos sociais, e o interesse das famílias e sua dedicação junto com a ação escolar reduz as diferenças que de fato existem.

Nos debates públicos sobre fracasso escolar, a grande maioria das opiniões centra suas explicações de forma exclusiva nas funções do sistema educacional. No entanto, com os dados que se tem até agora, o contexto familiar e o socioeconômico parecem contribuir com maior força na compreensão das diferenças encontradas.

O reconhecimento das carências do sistema educacional não pode nos levar a esquecer a responsabilidade que as escolas e os professores têm individualmente para combater o fracasso escolar.

É preciso reconhecer, no entanto, que as escolas freqüentadas por alunos de setores sociais desfavorecidos enfrentam, inicialmente, muito mais dificuldades: há uma maior diversidade entre os alunos em classes, um menor apoio das famílias, menos recursos econômicos para realizar atividades complementares e o risco de que o ambiente dificulte para os alunos sua incorporação ao processo educacional.

O que mais preocupa é que o ensino na sala de aula é cada vez mais difícil, adaptar o método de ensinar à diversidade dos alunos e manter um clima de trabalho é uma grande e desafiante tarefa, principalmente para as classes com maiores riscos de fracasso. Outro fator relevante refere-se à escassa motivação por parte dos alunos uma vez que esse fato seja considerado a causa mais importante do fracasso escolar. É o que relata Marquesi e Lucena (2001), *A experiência de fracasso os conduz a desconfiar de suas habilidades e a se considerar incapazes de ter êxito nas tarefas escolares. A perda de motivação para o estudo é inevitável.*

4- O PAPEL DO ORIENTADOR FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR

O papel do orientador se destaca em relação ao suporte pedagógico ao professor e explicitamente aos alunos no que se diz respeito a atendimentos individuais, sempre que for necessário para análise e reflexão dos problemas encontrados em situações de classe, recreios, desempenho escolar, pontualidade, cuidado com material de uso comum, relacionamento com os colegas de classes e outros alunos do colégio, respeito aos professores e funcionários e atendimentos grupais sempre que forem necessário para reflexão

de problemas. Recentemente, o orientador passou a atuar de forma a atender os estudantes levando em conta que eles estão inseridos em um contexto social, o que influencia o processo de aprendizagem. "Essa mudança tem a ver com a influência de teóricos construtivistas, como Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygostky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962), nos projetos pedagógicos das escolas, cada vez mais pautados pela psicologia do desenvolvimento - o estudo científico das mudanças de comportamento relacionadas à idade durante a vida de uma pessoa."

São ainda atribuições do Orientador:

- a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;
- b) Participar no processo de caracterização da clientela escola;
- c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;
- d) Participar na composição, caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;
- e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;
- f) Participar no processo de encaminhamento dos alunos estagiários;
- g) Participar no processo de integração escola – família - comunidade;
- h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional.

Participando do planejamento, e da caracterização da escola e da comunidade, segundo as autoras (2000, p.15)

Exemplos dessas decisões o currículo da escola, no que diz respeito à inclusão de disciplinas e atividades extra classe; a distribuição das diferentes séries no prédio e por período; a problemática da disciplina e o código disciplinar; os critérios de avaliação e de atribuições de notas ou conceitos; os cronogramas de atividades. É importante que ele participe de todas as decisões de ordem técnica a serem tomadas, em âmbito escolar, em função do seu preparo, de suas funções e do seu conhecimento da escola, da comunidade e dos alunos, visando um melhor atendimento à educação integral dos alunos.

Toda profissão social – e a do orientador educacional não é uma exceção – encontra-se num permanente processo de redefinição e reestruturação em face ao que vai se produzindo na sociedade. Considerando essa reflexão, ao atuar na orientação acadêmica, em qualquer instância ou nível de aprendizagem, o

orientador precisa ter em mente que, diante da velocidade com que evoluem o conhecimento e a tecnologia, a maior finalidade da sua atuação, nessa área, é a de preparar os alunos para que possam dar continuidade formação ao longo de toda a vida. Vejamos o que nos diz (ALZINA, 2005, p.95): à sua Somente aquele que se preocupar com atualizar-se num processo de formação continuada estará em condições de enfrentar os desafios profissionais/ pessoais que o futuro nos prepara.

Daí a importância de “aprender a aprender”, em que têm cabimento estratégias de aprendizagem autônoma, eficiência de leitura, conhecimento dos recursos (bibliotecas, telemática, revistas especializadas, organismos, etc.). Esse é um campo de atuação que vai além do que habitualmente se aprende na maioria das disciplinas regulares.

Se o orientador educacional acompanha a vida escolar de cada aluno e assessora o professor no acompanhamento e compreensão de sua turma, ajudando-o na promoção de relações interpessoais saudáveis e / ou na clarificação dos problemas que surgem, como o diz Ribeiro (1984, p.41), a sua ação é processual, porquanto a vida assim o é...Assim citando Knapp (1970), Ribeiro nos deixa algumas reflexões sobre as características da Orientação Educacional, que podem vir a ser arremates nessa fase do nosso texto (pp.40-41):

A Orientação deve servir a todas as crianças e não apenas àqueles que apresentam problemas, sendo um processo contínuo que deve ter início no primeiro contato da criança com a escola e segue até a vida adulta, passando diferentes níveis de escolaridade, deve ainda se interessar pelas necessidades dos orientandos, considerando-os seres integrais, estando baseada nas diferenças individuais, onde o professor da turma deve ser o principal orientador. A Orientação deve se constituir em um trabalho de equipe feito por todos os agentes da escola e utilizar os recursos da comunidade e coordená-los com o trabalho da escola e da família.

O papel do orientador frente ao fracasso escolar deve ser o de reconhecer, analisar e buscar compreender a origem dos conflitos que venham ocasionar o fracasso escolar de maneira a propor intervenções juntamente com as demais esferas da escola para erradicá-lo de maneira a promover o sucesso dos alunos.

Nesse sentido, diz Martinez (2005, p. 77):

Não se trata de [...] todos os profissionais da educação servirem para tudo, tampouco de inventar supostas funções ou perfis específicos para forçar a adaptação do profissional a uma ocupação concreta. Trata-se, antes, de delimitar funções profissionais e correlacioná-las com necessidades sociais num processo dialético, que sempre acaba sendo dinâmico pela própria configuração do social.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os avanços realizados em termos legislativos e sociais com relação ao combate do fracasso escolar em nossa sociedade, ainda é preciso que nos esforcemos muito para alcançarmos este êxito, pois mesmo mediante as conquistas no trato do ensino público, há muito ainda que se fazer para garantir os direitos adquiridos na legislação e documentos que norteiam as mudanças para melhoria tão almejada neste âmbito.

É preciso, antes de tudo, que conheçamos os mecanismos de criação deste fenômeno chamado de fracasso escolar para que então possamos buscar políticas públicas que venham fomentar as reais deficiências existentes, pois não adianta criar leis que viabilizem o acesso e permanência ao ensino e não sejam construídas escolas suficientes, não se oportunize empregos dignos para os responsáveis pelos alunos não precisarem retirá-los da escola para ajudarem na renda familiar e que não se priorize o que é mais importante, o respeito à individualidade de aprendizado de cada aluno, valorizando sua bagagem cultural e oportunizando o ensino como forma de quebra de barreiras para o alcance do sucesso.

É preciso socializar cada vez mais os conhecimentos disponíveis a respeito dos processos de aprendizagem. Quanto melhor o professor entender o processo de construção de conhecimento mais eficiente será seu trabalho. Afinal, ensinar de fato é fazer aprender.

Observe a opinião de PAÍN (1992 p. 18) a respeito do processo de Ensinar e aprender:

Educar consiste em ensinar, no sentido de mostrar, de estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito. Desta forma a

criança aprende a expressar-se. Vestir-se, escrever, e também a não se sujar, a não se atrasar, a não chorar. A maneira de fazer o que a educação prescreve, tem por objetivo a constituição do ser que determinado grupo social precisa.

Como todo trabalho, este também não está pronto e acabado, até porque a realidade é muito mais dinâmica do que o conhecimento sobre ela, além de que, faz parte o limite de quem o realiza. Se estivéssemos começando agora com o que aprendemos no processo vivido, certamente, o caminho seria outro.

Uma vez aceita a multidimensionalidade do fracasso escolar, não parece coerente que as medidas propostas para reduzi-lo sejam unidimensionais e isoladas. Não existem caminhos fáceis, nem atalhos, nem soluções mágicas para reduzir o fracasso escolar. Pelo contrário, as estratégias mais eficazes devem ser baseadas em propostas globais e sistêmicas, em reformas profundas que levem em conta as demandas sociais do futuro e num esforço sustentado ao longo de vários anos, somente dessa maneira será possível alcançar certo êxito.

A educação não é tarefa fácil, que a escola possa realizar sem a cooperação de outras instituições e sem apoio constante do conjunto da sociedade, a participação de instituições públicas, associações cívicas e organizações não-governamentais na educação deve ser um eixo permanente na gestão da educação. Se as condições sociais dos alunos são um claro fator de risco de fracasso escolar, é preciso impulsionar iniciativas que contribuam para resolver a desvantagem social em que vivem como o desenvolvimento de políticas de emprego, moradia, saúde, proteção social e de educação em favor das coletividades com maiores carências estabelecendo assim sólida base para se enfrentar com garantias o abandono prematuro da escola pelos alunos.

5 – REFERÊNCIAS:

-MARCHESI, Álvaro, *Fracasso Escolar: Uma perspectiva multicultural*. São Paulo, Artmed, 2003

-PATO, Maria, Souza, *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. -São Paulo: Casa do Psicólogo.

-CURRIE, Karen, *Ensinando a Pensar em Alfabetização* / Porto Alegre: Kuarup, 199

-PAÍN, Sara, **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução de Ana Maria Netto Machado. 4. ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

-SIMÓ, Rosa. ROCA, Neus. Aprendendo a ensinar. In: TEBEROSKI, Ana. & TOLCHINSKY, Liliana. (Org.). **Além da Alfabetização**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2007.

ALZINA, Rafael Bisquerra. O Psicopedagogo na Orientação Universitária. In, IGEA, Benito Del Rincón (org.). Presente e Futuro do Trabalho.

GIACAGLIA Lia Renata Angelini, PENTEADO, Wilma Millan Alves. Orientação educacional na prática: princípios, técnicas, instrumentos. São Paulo, SP: Pioneira Educação, 2000.

_____ Orientação educacional na prática: princípios, técnicas, instrumentos. São Paulo, SP: Pioneira Educação, 2003.

GIACAGLIA Lia Renata Angelini, PENTEADO, Wilma Millan Alves. Orientação educacional na prática: princípios, técnicas, instrumentos. São Paulo, SP: Pioneira Educação, 2000.

_____ Orientação educacional na prática: princípios, técnicas, instrumentos. São Paulo, SP: Pioneira Educação, 2003. Psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRINSPUN, Mirian O. S. Z. A Orientação Educacional e o Contexto Social. Rio de Janeiro, Revista Fórum, 1986, 10 (4), 96-107.1986, p. 96).

IGEA, Benito Del Rincón. O Psicopedagogo nas Escolas de Ensino Médio. . In, IGEA, Benito Del Rincón (org.). Presente e Futuro do Trabalho Psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JULIÁ, Ferran Feer. O Psicopedagogo e os Novos Desafios Educativos.

LIBÂNEO, José Carlos. Apresentação à 2ª edição. In LIBÂNEO, J. C. Pedagogias e Pedagogos, Para Que? 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 9-15.

MARTINEZ, Xavier Úcar. O Psicopedagogo como Profissional da Ação Social. In, IGEA, Benito Del Rincón (org.). Presente e Futuro do Trabalho Psicopedagógico. .